

Na atual empreitada, Isabel vive uma mulher movida pela ambição, pela ganância e pelo desejo de controlar a fortuna do irmão vivido por Antônio Fagundes. E veio com todo o leiaute para deixar o público irritado, propositalmente com vários tons acima. “Pilar é uma mulher fria, calculista, perversa, mas sem perder o deboche, o cinismo e o charme que dão o tom de uma verdadeira vilã de novela, dessas que o Brasil ama odiar”, descreve ela, ciente de que a nova megera da faixa tem tudo para seguir a linhagem de sucesso deixada pelas antecessoras Arminda (Grazi Massafera) e Odete Roitman (Debra Bloch).

É sua terceira antagonista consecutiva — e talvez o momento em que a televisão percebe definitivamente que Isabel Teixeira pode fazer qualquer coisa. E ela mesma parece se divertir com a descoberta: “Eu já fiz tanta coisa no teatro, mas realmente a tevê ainda tem mais a explorar de mim, e eu estou aberta”.

Devoção à arte

Há algo de fascinante na forma como Isabel Teixeira fala sobre dramaturgia. Não existe nem cinismo, nem superioridade intelectual diante do gênero popular. Pelo contrário: ela fala das novelas como quem fala de um ritual coletivo brasileiro, uma cerimônia afetiva que atravessa gerações. “Uma novela une o país, e é disso que a gente precisa. A novela é o principal produto cultural do Brasil. A gente se reúne para ver novela, vamos brigar por causa da novela e vamos construir um país melhor”, argumenta a atriz.

Na casa das tias, em Ubatuba (SP), conta ela, todos ainda se arrumam para assistir às novelas em sequência. Comentam cada personagem, cada cena, cada absurdo e cada acerto. Falam bem, falam mal, mas falam. E, para Isabel, talvez seja exatamente aí que mora a eternidade do gênero. “Novela existe para a gente comentar. E isso nunca vai acabar”, aposta, divertida, sugerindo, inclusive, aos jornalistas apaixonados pelo gênero que promovam encontros virtuais para simplesmente falar do gênero — e convidá-la.

Filha da finada atriz Alexandra Corrêa e do músico Renato Teixeira, Isabel cresceu cercada por arte, literatura e música. Nos corredores da infância,

o teatro parecia menos um sonho e mais um idioma doméstico. Estreou nos palcos aos 10 anos, em *Uma aventura a caminho do Guarujá*, e nunca mais saiu deles.

Formada pela Escola de Arte Dramática da USP e também em letras, ela construiu uma trajetória respeitada nos palcos paulistanos muito antes de se tornar conhecida nacionalmente. Durante anos, viveu o teatro em sua forma mais artesanal: produzindo, escrevendo, dirigindo, montando projetos independentes e aprendendo a

sobreviver na arte sem glamour. Talvez venha daí a ausência absoluta de vaidade em seu discurso. Isabel fala de personagens pequenos com a mesma reverência dedicada às protagonistas. “Personagem é ser humano, e todo ser humano tem valor”, defende.

Essa percepção parece atravessar sua própria presença em cena. Mesmo quando aparecia em papéis secundários — como Jane, em *Amor de mãe* —, havia nela uma verdade difícil de ignorar: Bel é uma atriz que não ocupa espaço apenas

com texto, mas com existência. E isso se consolidou à primeira vista quando reencontrou a Bruaca idealizada por Benedito Ruy Barbosa lá em 1990.

Hoje, instalada definitivamente na televisão, ela segue preservando o teatro como território vital. Recentemente excursionou com *Jandira*, espetáculo criado em homenagem à atriz e dramaturga Jandira Martini, morta em 2024. O projeto nasceu do encontro com Marcos Caruso, colega de cena em *Elas por elas* e ex-marido da saudosa artista. Outro parceiro importante é Mateus Solano, com quem produziu o monólogo *O figurante* após a troca cênica na mesma produção.

Enquanto grava novelas — como a atual, assinada por Walcyr Carrasco e Claudia Souto com direção artística de Amora Mautner —, escreve livros artesanalmente em sua editora independente, transforma a própria casa em ateliê criativo e ainda encontra tempo para observar o mundo com curiosidade quase infantil. Usa máquina de escrever, escuta o público nas redes sociais, lê compulsivamente, ri muito e distribui generosidade por onde circula.

Em tempos de aceleração e descartabilidade, Isabel Teixeira parece pertencer a outra lógica de existência artística, na qual experiência não endurece, mas amadurece; na qual sucesso não produz distância, mas proximidade; na qual o talento não precisa gritar para ser percebido; e estar no ar em tamanha evidência não exclui o que é quase uma marca registrada unânime sua: a humildade. “Eu estou contracenando em pé de igualdade com o (Antônio) Fagundes e o Tony (Ramos), gente. Eu só tenho que ser grata e tentar retribuir de alguma forma ao Universo pela dádiva. Isso, para mim, é ganhar na loteria!”, celebra, genuinamente modesta diante da própria grandeza.

Talvez seja por isso que o Brasil tenha criado uma relação tão afetiva com ela em tão pouco tempo. Porque Isabel Teixeira não entra em cena como estrela, mas como a Bel gente, mãe do Diego e da Flora, filha do Renato, irmã do Chico e moradora de Santa Cecília, que transita pelo bairro boêmio da região central paulistana — e é justamente por isso que se torna inesquecível.

Fotos: Globo/Divulgação



Helena, de *Elas por elas*, foi a primeira “cobra”



Em seguida, veio Violeta, de *Volta por cima*



Como Jane em *Amor de mãe*: estreia em novelas



A Bruaca, de *Pantanal*, tornou-se paixão nacional